

---

## A "JUVENTUDE" É APENAS UMA PALAVRA

Entrevista com Pierre Bourdieu<sup>1</sup>

Extraído de: BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

P - Como o sociólogo aborda o problema dos jovens?

- O reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias. É o paradoxo de Pareto dizendo que não se sabe em que idade começa a velhice, como não se sabe onde começa a riqueza. De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades. Por exemplo, há alguns anos li um artigo sobre as relações entre os jovens e os notáveis na Florença do século XVI que mostrava que os velhos propunham aos jovens uma ideologia da virilidade, da virtú e da violência, o que era uma maneira de se reservar a sabedoria, isto é, o poder: Da mesma forma, Georges Ouby mostra bem como, na Idade Média, os limites da juventude eram objeto de manipulação por parte dos detentores do patrimônio, cujo objetivo era manter em estado de juventude, isto é, de irresponsabilidade, os jovens nobres que poderiam pretender à sucessão.

Encontramos coisas muito semelhantes nos ditados e provérbios ou, mais simplesmente, nos estereótipos sobre a juventude, ou ainda na filosofia, de Platão e Alain que designava a cada idade uma paixão específica: à adolescência o amor, à idade madura a ambição. A representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos. Vemos isto muito bem no caso do esporte, por exemplo, no rugby, com a exaltação dos "bons rapazes", dóceis brutalhões dedicados à devoção obscura da posição de "avantes" que os dirigentes e os comentaristas exaltam ("Seja forte e cale-se, não pense"). Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre os sexos) lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (más também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar.

---

<sup>1</sup> Entrevista a Anne-Marie Métaillé, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, Paris, Association de Ages, 1978.

P - O que você entende por velho? Os adultos? Os que estão na Produção? Ou a terceira idade?

- Quando digo jovens/velhos, tomo a relação em sua forma mais vazia. Somos sempre o jovem ou o velho de alguém. É por isto que os cortes, seja em classes de idade ou em gerações, variam inteiramente e são objeto de manipulações. Por exemplo, Nancy Munn, uma etnóloga, mostra que algumas sociedades da Austrália, a magia do rejuvenescimento que as mulheres velhas empregam para reencontrar a juventude é considerada como totalmente diabólica, porque perturba os limites entre as idades e não se sabe mais quem é jovem e quem é velho. O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Se comparássemos os jovens das diferentes frações da classe dominante, por exemplo, todos os alunos que entram na École Normale, na ENA, etc., no mesmo ano, veríamos que estes "jovens" possuem tanto mais dos atributos do adulto, do velho, do nobre, do notável, etc., quanto mais próximos se encontrarem do pólo do poder. Quando passamos dos intelectuais para os diretores-executivos, tudo aquilo que aparenta juventude, cabelos longos, jeans, etc., desaparece.

Cada campo, como mostrei a propósito da moda ou da produção artística e literária, possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como ser e cortar as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta ("nouvelle vague", "novo romance", "novos filósofos", "novos juízes", etc.). Isto é muito banal, mas mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes. Por exemplo, poder ramos comparar sistematicamente as condições de vida, o mercado de trabalho, o orçamento do tempo, etc., dos "jovens" que já trabalham e dos adolescentes da mesma idade (biológica) que são estudantes: de um lado, as coerções do universo econômico real, apenas atenuadas pela solidariedade familiar; do outro, as facilidades de uma economia de assistidos quase-Iúdica, fundada na subvenção, com alimentação e moradia e preços baixos, entradas para teatro e cinema a preço reduzido, etc.

Encontraríamos diferenças análogas em todos os domínios da existência: por exemplo, os garotos mal vestidos, de cabelos longos demais, que nos sábados à noite passeiam com a namorada numa motocicleta em mau estado são os que a polícia pára.

Dito de outra maneira, é por um formidável abuso de linguagem que se pode subsumir no mesmo conceito universos sociais que praticamente não possuem

nada de comum. Num caso, temos um universo da adolescência, no sentido verdadeiro, isto é, da irresponsabilidade provisória: estes jovens estão numa espécie de no man's land social, são adultos para algumas coisas, são crianças para outras, jogam nos dois campos. É por isto que muitos adolescentes burgueses sonham em prolongar a adolescência: é o complexo de Frédéric de *Éducation Sentimentale* que eterniza a adolescência. Assim, as "duas juventudes" não apresentam outra coisa que dois pólos, dois extremos de um espaço de possibilidades oferecidas aos "jovens". Uma das contribuições interessantes do trabalho de Thévenot, é mostrar que entre estas posições extremas, o estudante burguês e, do outro lado, o jovem operário que nem mesmo tem adolescência, encontramos hoje todas as figuras intermediárias.

P - Esta espécie de continuidade que substituiu uma diferença mais marcada entre as classes, não foi produzida pela transformação do sistema escolar?

- Um dos fatores desta confusão das oposições entre as juventudes de diferentes classes é o fato de diferentes classes sociais terem tido acesso de forma proporcionalmente maior ao ensino secundário e, de, ao mesmo tempo, uma parte dos jovens (biologicamente) que até então não tinham acesso à adolescência, terem descoberto este status temporário, "meio-criança, meio-adulto"; "nem criança, nem adulto". Acho que é um fato social muito importante. Mesmo nos meios aparentemente mais distanciados da condição estudantil do século XIX, isto é, na pequena aldeia rural, onde os filhos dos camponeses ou artesãos freqüentam o ginásio local, mesmo neste caso, os adolescentes são colocados, durante um tempo relativamente longo, numa idade em que anteriormente eles estariam trabalhando em posições quase-exteiores ao universo social que define a condição de adolescente. Parece que um dos efeitos mais poderosos da situação de adolescente decorre desta espécie de existência separada que os coloca socialmente fora do jogo. As escolas do poder e, em particular as grandes escolas, colocam os jovens em recintos separados do mundo, espécies de espaços monásticos onde eles levam uma vida à parte, fazem retiro, retirados do mundo e inteiramente ocupados em se preparar para as mais "altas funções": aí, eles fazem coisas muito gratuitas, coisas que se costuma fazer na escola, puro exercício. Desde alguns anos quase todos os jovens têm tido acesso a uma forma mais ou menos completa e principalmente mais ou menos longa desta experiência; por mais curta ou superficial que esta experiência tenha sido, ela é decisiva porque é suficiente para provocar uma ruptura mais ou menos profunda com o "isto é óbvio". Conhecemos o caso do filho do mineiro que quer começar a trabalhar na mina o mais rápido possível, porque isto significa entrar no mundo dos adultos. (Ainda hoje uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar

muito cedo, é o desejo de aceder o mais rapidamente possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhes são associadas: ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido e se reconhecer como um "homem". Este é um dos fatores do mal-estar que a escolaridade prolongada suscita nos filhos das classes populares). Dito isto, o fato de estar na situação de "estudante" induz a uma série de coisas que são constitutivas da situação escolar: eles levam os livros amarrados com um cordão, sentam-se nas motocicletas para "cantar" uma menina, encontram os amigos dos dois sexos fora do trabalho, em casa são dispensados das tarefas materiais porque estão estudando (fator importante, as classes populares se curvam a esta espécie de contrato tácito que faz com que os estudantes sejam colocados à parte).

Acho que essa retirada simbólica do jogo tem uma certa importância, tanto mais porque é acompanhada por um dos efeitos fundamentais da escola, que é a manipulação das aspirações. A escola, sempre se esquece disto, não é simplesmente um lugar onde se aprende coisas, saberes, técnicas, etc.: é também uma instituição que concede títulos, isto é, direitos, e, ao mesmo tempo, confere aspirações. O antigo sistema escolar era menos nebuloso que o sistema atual, com seus complexos desdobramentos que fazem as pessoas terem aspirações incompatíveis com suas chances reais. Antigamente, havia desdobramentos relativamente claros: indo-se além do primário, entrava-se num curso complementar, numa escola técnica, num colégio ou num Liceu. Tais desdobramentos eram claramente hierarquizados e não confundiam. Atualmente há uma porção de desdobramentos pouco diferenciados entre si e é preciso ser muito consciente para escapar dos jogos dos becos sem saída ou das ciladas, e também da armadilha das orientações e títulos desvalorizados. Isto contribui para favorecer uma certa defasagem das aspirações em relação às chances reais. O antigo estado do sistema escolar tornava os limites fortemente interiorizados; fazia com que se aceitasse o fracasso ou os limites como justos ou inevitáveis... Por exemplo, os professores e professoras primários eram pessoas selecionadas e formadas, conscientemente ou inconscientemente, de tal maneira que eram separadas dos camponeses ou dos operários, permanecendo, no entanto, afastadas dos professores do secundário. Ao 'colocar na situação de "secundarista", mesmo sendo essa precária, jovens que pertencem a classes para as quais o ensino secundário era inacessível anteriormente, o sistema atual encoraja estes jovens e suas famílias a esperar aquilo que o sistema escolar assegurava aos estudantes secundaristas no tempo em que eles não tinham acesso a estas instituições. Entrar no ensino secundário é entrar nas aspirações inscritas no fato

de aceder ao ensino secundário num estágio anterior ir à escola secundária significa se "vestir" com a aspiração de se tornar professor secundário, médico, advogado, escrivão, todas as perspectivas que a entrada na escola secundária abria no entre-guerra. Ora, quando os filhos das classes populares não estavam no sistema, o sistema não era o mesmo. Há a desvalorização pelo simples efeito da inflação e, ao mesmo tempo, também pelo fato de se modificar a "qualidade social" dos detentores dos títulos. Os efeitos da inflação escolar são mais complicados do que se costuma dizer: devido ao fato de que os títulos sempre valem o que valem seus detentores, um título que se torna mais freqüente torna-se por isso mesmo desvalorizado, mas perde ainda mais seu valor por se torna acessível a pessoas sem "valor social".

P - Quais são as conseqüências deste fenômeno de inflação?

- Os fenômenos que acabo de descrever fazem com que as aspirações inscritas objetivamente no sistema tal como ele era em seu estado anterior sejam frustradas. A defasagem entre as aspirações que o sistema escolar favorece, em função do conjunto de efeitos que evoquei, e as oportunidades que ele realmente garante está na origem da decepção e da recusa coletiva que podem ser contrapostas à adesão coletiva (que evoquei com o exemplo do filho do mineiro) que ocorria na época anterior e à submissão antecipada às oportunidades objetivas que era uma das condições tácitas do bom funcionamento da economia. É uma espécie de ruptura do círculo vicioso que fazia com que o filho do mineiro quisesse começar logo a trabalhar na mina, sem mesmo se perguntar se poderia deixar de fazê-lo. É óbvio que isto que descrevi não é válido para o conjunto da juventude: existem ainda grandes quantidades de adolescentes, em particular de adolescentes burgueses, que se encontram no círculo da mesma forma que antes; que vêem as coisas como antes, que querem entrar para as grandes escolas, para o M.I. T. ou Harvard Business School, que querem, como antes, todos os diplomas que se possa imaginar.

P - Nas classes populares, há uma defasagem destes jovens em relação ao mundo do trabalho.

- Pode-se estar muito bem no sistema escolar para não fazer parte do mundo do trabalho, sem no entanto estar tão bem para encontrar um trabalho em função dos títulos escolares. (Este é um velho tema da literatura conservadora de 1880, que falava dos bacharéis desempregados já temendo os efeitos da ruptura do círculo das chances e aspirações e suas possíveis decorrências). Pode-se estar situado de forma muito infeliz no sistema escolar, sentir-se completamente estranho a ele e apesar de tudo participar desta espécie de sub-cultura escolar, dos grupos de alunos que se encontram nos bailes, que têm um estilo de estudantes, que estão suficientemente integrados nesta vida a ponto de se sentirem afastados de suas famílias (que eles já não compreendem e que não

lhes compreendem mais. "Com as oportunidades que eles têm!") e, por outro lado, ter uma espécie de sentimento de confusão, de desespero, diante do trabalho. De fato, esta separação em relação ao próprio círculo é acompanhada, apesar de tudo, pela descoberta confusa daquilo que o sistema escolar promete a alguns; a descoberta confusa, mesmo através do fracasso, de que o sistema escolar contribui para reproduzir os privilégios.

Eu acho – escrevi isto há dez anos – que para que as classes populares pudessem descobrir que o sistema escolar funciona como um instrumento de reprodução, era preciso que passassem pelo sistema escolar. Porque no fundo, na época em que só tinham acesso à escola primária, elas podiam acreditar que a escola era libertadora, ou qualquer outra coisa que dissessem os porta-vozes, ou não pensar em nada. Atualmente, nas classes populares, tanto entre os adultos quanto entre os adolescentes, está se dando a descoberta, que ainda não encontrou sua linguagem, do fato de que o sistema escolar é um veículo de privilégios.

P - Mas então como explicar a constatação de uma despolitização muito maior que parece estar havendo desde três ou quatro anos para cá?

- A revolta confusa - questionamento da escola, do trabalho, etc. é global, questiona o sistema escolar em seu conjunto e se opõe completamente ao que era a experiência do fracasso no antigo estado do sistema (e que nem por isto desapareceu, é claro; basta ouvir as entrevistas: "Eu não gostava de francês, eu não gostava da escola, etc."). O que acontece através de formas mais ou menos anômicas, anárquicas, de revolta, não é aquilo que se entende comumente por politização, isto é, aquilo que os aparelhos políticos estão preparados para registrar e fortalecer. É um questionamento mais geral e mais vago, uma espécie de mal-estar no trabalho, algo que não é político no sentido estabelecido, mas que poderia sê-lo; algo que se parece muito a certas formas de consciência política ao mesmo tempo cegas em relação a si mesmas, porque não acharam seu discurso, e com uma força revolucionária extraordinária, capaz de superar os aparelhos, como encontramos por exemplo entre os sub-proletários ou os operários de primeira geração de origem camponesa. Para explicar seu próprio fracasso, para suportá-lo, estas pessoas devem questionar todo o sistema, em bloco, o sistema escolar, e também a família, com a qual elas estão ligadas, e todas as instituições, com a identificação da escola com a caserna, da caserna com a fábrica. Há uma espécie de esquerdismo espontâneo que em mais de um traço o discurso dos sub-proletários evoca.

P - Isto influencia os conflitos de gerações?

- Uma coisa muito simples e na qual não se pensa, é que as aspirações das

sucessivas gerações, de pais e filhos, são constituídas em relação a estados diferentes da estrutura da distribuição de bens e de oportunidades de acesso aos diferentes bens: aquilo que para os pais era um privilégio extraordinário (na época em que eles tinham vinte anos, por exemplo, havia uma pessoa entre mil de sua idade e de seu meio que possuía um automóvel) se tornou banal, estatisticamente. E muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes. Aquilo que para a geração 1 foi uma conquista de toda uma vida, é dado imediatamente, desde o nascimento, à geração 2. A defasagem é particularmente forte no caso das classes em declínio que não têm mais nem mesmo aquilo que tinham há vinte anos, e isto numa época em que todos os privilégios de seus vinte anos (a praia ou o esquí, por exemplo) se tornaram comuns. Não é por acaso que o racismo anti-jovens (muito visível nas estatísticas, embora não se disponha, infelizmente, de análises por fração de classes) ocorra nas classes em declínio (como os pequenos artesãos ou comerciantes) ou entre indivíduos em declínio ou os velhos em geral. Evidentemente nem todos os velhos são anti-jovens, mas a velhice também é um declínio social, uma perda de poder social e através deste viés, os velhos têm, no que se refere aos jovens, uma relação que também é característica das classes em declínio. Evidentemente, os velhos das classes em declínio, isto é, os velhos comerciantes, os velhos artesãos, etc., acumulam todos os sintomas num grau mais alto: são anti-jovens, mas também anti-artistas, anti-intelectuais, anti-contestação, são contra tudo aquilo que muda, tudo aquilo que se move, etc., justamente porque eles deixaram o futuro para trás, enquanto os jovens se definem como tendo futuro, como definindo o futuro.

P - Mas o sistema escolar não está na origem dos conflitos entre gerações, na medida em que faz convergir para as mesmas posições sociais pessoas formadas em estados diferentes do sistema escolar?

- Pode-se partir de um caso concreto: atualmente, em muitas posições médias do serviço público, onde se pode ascender através da própria aprendizagem local, pode-se encontrar, lado a lado, no mesmo escritório, jovens com o segundo ciclo ou mesmo universitários formados, recém saídos do sistema escolar, e pessoas de cinquenta a sessenta anos, que há uns trinta anos começaram apenas com o diploma de conclusão do primeiro grau, mas numa época em que esse diploma era ainda um título relativamente raro, e que, por autodidatismo ou Antigüidade, chegaram a posições de quadros que atualmente só são acessíveis a pessoas com o segundo ciclo completo. Nesse caso, não são jovens e velhos que se opõem, mas praticamente dois estados do sistema escolar, dois estados de raridade diferencial dos títulos e esta oposição objetiva se retraduz nas lutas de classificação: não podendo dizer que

são chefes porque são antigos, os velhos invocarão a experiência associada à Antigüidade, enquanto os jovens invocarão a competência garantida pelos títulos. A mesma oposição pode ser encontrada no terreno sindical (por exemplo, no sindicato FO do PTT<sup>2</sup>) sob a forma de uma luta entre jovens esquerdistas barbudos e velhos militantes da antiga tendência SFIO<sup>3</sup>. Encontram-se assim, lado a lado, no mesmo escritório, no mesmo cargo, engenheiros saídos das Arts et Métiers<sup>4</sup> e outros saídos da Polytechnique; a aparente identidade de estatuto esconde que uns, como se diz, têm futuro, e que estão apenas de passagem por uma posição que para outros é o ponto de chegada. Neste caso, os conflitos correm o risco de revestir outras formas, porque os jovens velhos (uma vez que acabados) possuem todas as chances de terem interiorizado o respeito ao título escolar como sinal de uma diferença de natureza. É assim que em muitos casos, os conflitos vividos como conflitos de gerações serão realizados, de fato, através de pessoas ou de grupos etários constituídos a partir de diferentes relações com o sistema escolar. É na relação comum com um estado particular do sistema escolar e seus interesses específicos, diferentes daqueles da geração que se definia pela relação com um outro estado muito diferente do sistema, que é preciso (hoje) buscar um dos princípios unificadores de uma geração: o que é comum ao conjunto dos jovens, ou pelo menos a todos aqueles que se beneficiaram um pouco do sistema escolar, que tiraram dele uma qualificação mínima, é o fato de que, globalmente, esta geração é mais qualificada para um emprego igual do que a geração precedente (entre parênteses, podemos notar que as mulheres que, por uma espécie de discriminação, só acedem aos cargos ao preço de uma sobre-seleção, estão constantemente nesta situação, isto é, são quase sempre mais qualificadas do que os homens que ocupam cargos equivalentes...). É certo que para além de todas as diferenças de classe, os jovens têm interesses coletivos de geração, porque independentemente do efeito da discriminação "anti-jovens", o simples fato de se relacionarem com diferentes estados do sistema escolar, faz com que sempre venham a obter menos de seus títulos de que a geração precedente. Há uma desqualificação estrutural da geração. Sem dúvida isto é importante para compreender esta espécie de desencantamento que é relativamente comum à toda geração. Mesmo na burguesia, uma parte dos conflitos atuais se explica sem dúvida por aí, pelo fato de que o tempo da sucessão se alonga e que, como bem mostrou Le Bras num artigo do *Population*, a idade em que se transmite o patrimônio ou os cargos se torna mais e mais tardia, e os filhos mais novos das classes dominantes devem agüentar pacientemente esta situação. Sem dúvida, isto não é uma coisa estranha à contestação que se observa nas profissões liberais (arquitetos, advogados, médicos, etc.), no ensino, etc. Da mesma maneira que os velhos têm interesse em remeter os jovens a sua juventude, os jovens também têm interesse

em remeter os velhos a sua velhice.

Há períodos em que a procura do "novo" pela qual os "recém-chegados"(que são também, quase sempre, os mais jovens biologicamente) empurram os "já-chegados" para o passado, para o ultrapassado, para a morte social ("ele está acabado") se intensifica e, ao mesmo tempo, as lutas entre as gerações atingem uma maior intensidade: são os momentos em que as trajetórias dos mais jovens e dos mais velhos se chocam, quando os jovens aspiram "cedo demais" à sucessão. Estes conflitos são evitados durante o tempo em que os velhos conseguem regular o tempo de ascensão dos mais novos, regular as carreiras e os cursos, controlar a rapidez da ascensão nas carreiras, frear aqueles que não sabem se frear, os ambiciosos que "queimam etapas", que se "lançam" (de fato, na maior parte das vezes, eles não precisam frear porque os "jovens" – que podem ter cinquenta anos– interiorizam os limites, as idades modais, isto é, a idade na qual se pode "razoavelmente pretender" a uma posição, e não têm nem mesmo idéia de reivindicá-la antes da hora, antes de "chegar sua hora"). Quando o "sentido dos limites" se perde, vê-se aparecer os conflitos a respeito dos limites de idade, dos limites entre as idades, que têm como objeto de disputa a transmissão do poder e dos privilégios entre as gerações.